

Intervenção proferida pelo Deputado Aires Reis, no dia 22 de Novembro de 2006, sobre o Plano e Orçamento da Região para 2007.

Senhor Presidente, Senhores Deputados, Srs. Membros do Governo.

Estamos a analisar o 11º Plano e Orçamento para a Região, da responsabilidade dos Governos do Partido Socialista.

Este facto representa, também, uma década de responsabilidades governativas. Uma década de oportunidades de desenvolvimento das nove parcelas desta Região.

Dez anos na vida de uma comunidade, é um tempo considerável.

Trata-se de um período em que se pode - e deve mesmo - fazer um balanço e uma reflexão que nos permita tomar consciência do que representou tantos anos e tantas oportunidades de desenvolvimento em cada ilha dos Açores, até porque os recursos financeiros colocados à disposição destes últimos Governos, pela Comunidade Europeia, foram extraordinariamente superiores aos disponibilizados pelos programas comunitários anteriores.

Sendo assim, como Deputado eleito pela ilha de São Jorge, sinto a responsabilidade de transmitir-vos, uma vez mais, aquela que considero a maior preocupação dos meus conterrâneos, em nosso entender bastante oportuna e absolutamente justificada.

São Jorge depara-se, nestes últimos anos, com problemas sérios que condicionam, talvez mesmo de forma irreversível, o seu nível de desenvolvimento e a satisfação dos seus habitantes.

O crescente declínio da população, aliado às políticas que este governo tem vindo a fomentar de promoção da desertificação humana de algumas zonas populacionais, a falta de investimentos estruturais nalgumas áreas e os novos conceitos, inventados pelos governos socialistas, de governação “per capita” e de governação impulsiva, têm cada vez mais consequências na atitude de cada um dos seus habitantes.

Por outro lado, o facto do Governo Regional não ter entendido ainda qual o rumo para onde deve concentrar os investimentos públicos em São Jorge, condiciona, como facilmente se compreende, o seu desenvolvimento, e este, a mentalidade e a convicção das pessoas relativamente às potencialidades da sua própria terra.

As expectativas das pessoas, dos jovens e dos menos jovens, qualquer que seja a sua área de ocupação, estão a ficar frustradas e isso provoca um desânimo generalizado que já nos penaliza de forma surpreendente.

A verdade é que as potencialidades que se verificavam há alguns anos atrás, em que os jorgenses muito acreditavam, continuam naquela ilha, mas apenas como perspectivas passivas de uma aposta e de um desenvolvimento que tarda em chegar.

Os nossos jovens que mostravam acreditar na sua terra, lutando para que após os seus estudos pudessem regressar à sua ilha e colaborar no processo de desenvolvimento que se anunciava, começam também a mudar de ideias, desde logo porque quando regressam não conseguem ser colocados nas suas áreas específicas para as quais foram preparados.

E, como nada acontece por acaso, tudo isto está assim porque ano após ano, plano após plano, mandato após mandato, os Governos socialistas foram mostrando dois factores surpreendentes em relação a São Jorge:

O primeiro, foi a falta de uma aposta clara e reflectida no principal sector produtivo da ilha.

O segundo, a consequência da rejeição assumida de um princípio que deve nortear toda e qualquer governação açoriana – o desenvolvimento convergente de todas as parcelas da Região.

No primeiro caso, o governo pode ter argumentos teóricos e mesmo financeiros que justifiquem a sua acção, mas a verdade é que se limitou a pulverizar o sector cooperativo com importantes meios financeiros que lhe permitiu resolver algumas questões que se arrastavam há já algum tempo, mas por outro lado, os responsáveis governativos desta Região têm demonstrado muito claramente não possuir uma visão estratégica para este sector.

E se porventura existissem dúvidas, pergunto-vos se algum dos senhores Deputados deste Parlamento ouviu a explanação de uma verdadeira estratégia de desenvolvimento para o sector agrícola em São Jorge, devidamente estruturada?

Sucederam-se Secretários atrás de Secretários mas a atitude e as soluções foram sempre as mesmas.

No que respeita ao segundo factor, esta governação foi implacável e determinada. Optou por não apostar em todas as ilhas conforme seria sua obrigação.

Neste particular, gostaria de salientar que os jorgenses não podem nunca ser responsabilizados pelo Governo que temos.

Senhor Presidente, Senhores Deputados, Srs. Membros do Governo.

Já começaram a chegar as consequências destas políticas perfeitamente desadequadas.

Muitos jorgenses começam a optar novamente pela emigração, onde encontram perspectivas de vida diferentes e um futuro melhor. Muitos produtores agrícolas procuram novas oportunidades noutras paragens. O PSD bastantes vezes vos alertou para este perigo.

Outros, mais jovens, que pretendiam regressar depois dos seus estudos fixaram-se fora da região ou noutras ilhas onde a aposta do Governo Regional era bastante mais notória.

Outros ainda, vivem em São Jorge mas com expectativas mais modestas e hoje encontram-se compreensivelmente descrentes relativamente ao futuro dos seus filhos.

Na realidade, assiste-se em São Jorge a uma fase do seu desenvolvimento especialmente desmotivante pois a desertificação de algumas localidades parece aproximar-se de forma indubitável.

As populações estão envelhecidas e as novas gerações deslocam-se em direcção aos empregos, onde existem novas perspectivas, segurança na saúde, na educação e nas áreas empresariais, ou seja, na direcção contrária ao seu local de origem.

Não fosse o papel que as autarquias desempenham e o processo seria ainda bastante mais acelerado.

As políticas promovidas por estes Governos estão a incentivar a desertificação das ilhas menos populosas. Será isso o que os jorgenses e muitos outros açorianos das ilhas menos populosas, pretendem?

Nunca, como jorgense, ou mesmo como açoriano, poderia ser conivente com estes princípios de governação.

Quando reunimos com as pessoas, de freguesias menos populosas, sentimos a sua revolta, a sua indignação, a sua perplexidade por esta situação complexa por que estamos a passar e para onde caminhamos a passos largos.

Como já foi referido nesta Assembleia, o problema da desertificação humana encontra solução através de um conceito político humano/territorial, infelizmente varrido do modelo socialista, ou seja o estabelecimento permanente de uma dinâmica de desenvolvimento pela associação da geografia e da cultura com a vocação humana de cada parcela da região.

Senhor Presidente, Senhores Deputados, Srs. Membros do Governo.

Por maior que seja a listagem de intenções, a listagem das obras realizadas, a listagem das promessas cumpridas ou até mal concluídas, a verdade é que passados dez anos deveríamos encontrar resultados práticos. E isso não aconteceu, pelo que apenas podemos concluir que estes últimos três governos falharam. Pelo menos em São Jorge.

Nesta minha intervenção optei por não vos falar especificamente de algumas questões que temos vindo a reivindicar nesta Assembleia.

Poderia muito bem ter referido os problemas relativos aos Caminhos Agrícolas e ao Abastecimento de Água à Lavoura, à exiguidade do Núcleo de Recreio Náutico da Vila das Velas, à solução encontrada para o Porto da Calheta, ao incumprimento dos compromissos do Sr. Presidente do Governo relativamente ao POOC, à indecisão permanente na reestruturação do Sector Cooperativo, ao encerramento de Escolas Primárias logo após terem sido recuperadas e ampliadas pelas Câmaras Municipais, ao atraso na Electrificação das Fajãs e à forma como a pretendem fazer, à debilidade das condições da maioria dos portos, à vossa passividade em relação ao Porto do Topo, à forma ziguezagueante como trataram o processo da ampliação do aeródromo e do novo acesso ao Porto das Velas, ao esquecimento da Gare de Passageiros do Porto da Calheta, à forma deselegante como trataram o assunto da Pousada de Juventude, à incorrecção com que tratam algumas Juntas de Freguesia, ao vosso alheamento quando se trata de cumprir determinadas responsabilidades que são da vossa competência, ao facto de terem gasto dez anos para pavimentar um caminho com 10 Km, o que corresponde a uma média de 1 km por ano, e por aí fora...

Mas não pretendo entrar por este caminho agora. Trago-vos uma reflexão mais profunda, bastante mais preocupante, que gostaria de ver discutida nesta Assembleia, até porque todos conhecem a nossa posição sobre estes assuntos.

Acabei de vos transmitir o nosso retrato sobre a vossa governação em São Jorge, num período de uma década, que não tenho dúvidas que corresponde à ideia que os jorgenses têm deste Governo.

Se me permitem um “à parte”, falta-vos um retrato naquela exposição que se encontra nos corredores desta Assembleia. Um retrato que permitiria mostrar, não só a face mais bonita da moeda, mas sim as duas faces.

E não seria muito difícil, sendo mesmo mais coerente. Poderiam para isso, por exemplo, ter incluído uma fotografia de um, ou melhor, de qualquer um, dos caminhos agrícolas da vossa responsabilidade para que todos percebessem a vossa preocupação com o nosso Sector Agrícola.

Senhor Presidente, Senhores Deputados, Srs. Membros do Governo.

O Partido Social Democrata está, portanto, muito preocupado pelos resultados da governação socialista, na última década, na ilha de São Jorge.

E estamos preocupados porque percebemos, há já algum tempo, as consequências destas políticas e por isso mesmo sentimo-nos na obrigação de as denunciar publicamente.

Permitam-me, pois, para terminar, que faça apenas uma simples crítica a este Plano: Trata-se de mais um plano, com um aumento de verbas, mas igual a tantos outros.

Disse.